
***A EDUCAÇÃO NOS ESPAÇOS FORMAIS, NÃO FORMAIS E
INFORMAIS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM***

Education in formal, non-formal and Informal spaces in the teaching-learning process

Danielly Ferreira Dias, Patrícia de Oliveira Prata, Rejo Levi Monteiro, Ana Paula Santos da Silva

RESUMO

O presente trabalho discute a ocorrência da educação em espaços diferenciados, além da convencional sala de aula, tornando-se relevante e significativa para a aprendizagem dos educandos. Contudo, realizou-se uma revisão bibliográfica quanto aos espaços educacionais formais, não formais e informais. Logo, conclui-se, que estes espaços, institucionalizados ou não, contribuem significativamente para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Ensino-aprendizagem. Educação formal. Educação não-formal. Educação informal.

ABSTRACT

The present paper discusses the occurrence of education in differentiated spaces, in addition to the conventional classroom, becoming relevant and meaningful for students' learning. However, a literature review has been carried out on formal, non-formal and informal educational spaces. Therefore, it is concluded that these spaces, institutionalized or not, contribute favorably to the teaching-learning process.

KEYWORDS: Teaching-learning. Formal education. Non-formal education. Informal education

INTRODUÇÃO

A educação é um processo contínuo de socialização humana, a qual ocorre ao longo de nossa existência correspondendo a experiências vivenciadas pelo aprendiz, podendo estas ocorrer em diferentes espaços e modos de ensino. Mas para a educação não formal pode ser:

Educação não-formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem.

Educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa (MARANDINO, 2008, pag. 13).

Logo, a educação permeia espaços diferenciados além da convencional sala de aula tornando-se relevante e significativa para o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüente, transformação social. Contudo, pode ocorrer em espaços educacionais formais, não formais e informais. Para tanto, a importância de definir e conhecer cada um destes ambientes e suas contribuições para a formação do educando.

A educação não formal tornou-se parte do discurso internacional em políticas educacionais na década de 1960. Naquela época, educação não formal tinha como objetivo as necessidades de grupos em defasagem, tendo propósitos visivelmente definidos, de preparo e de métodos. Já o sistema de educação formal, principalmente dos países em desenvolvimento, apresentava vagarosa adequação às mudanças socioeconômicas em curso, determinando que diferentes setores da sociedade se articulassem para enfrentar as novas demandas sociais (MARANDINO, 2008).

Dentre os principais espaços considerados um espaço não formal de educação, são os museus. O entendimento de museu como espaço de educação não formal é uma percepção relativamente recente na história da educação brasileira, que surgiu de uma necessidade de projetos governamentais nos quais as escolas e universidades, eram obrigadas a realizarem visitas aos museus. Hoje em dia, isso acontece de uma forma bem mais natural (MARANDINO, 2008).

Além dos museus, outros espaços como espaços públicos, feiras de ciências, centro de ciências, área verde da escola, zoológicos, parques e praças são reconhecidos como espaço não formais e informais de aprendizagem. Apesar dessa descrente diversidade de espaço em que educação informal, se torna cada vez mais

desafiadora para esse tipo de educação. Infelizmente a educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não tratam como educação, porque não são processos escolarizáveis e certificadores (NASCIMENTO e REZENDE, 2016).

O presente artigo justifica-se pela relevância de explorar estes espaços exteriores a esfera escolar para uma melhor formação do educando, enquanto, processo de socialização e humanização. Tendo por objetivo a explanação do conceito e a contribuição de cada espaço educacional.

A EDUCAÇÃO NOS ESPAÇOS FORMAIS VERSUS INFORMAIS

Considera-se necessário explicar as diferenças entre estes três espaços educacionais em seus campos de atuação. A educação formal quando comparada com a educação não formal é praticamente espontânea. Enquanto, o termo não formal é usado por alguns pesquisadores como sinônimo de informal (GOHN, 2006).

É que a educação não formal é tratada na obra como um conceito mais abrangente. “Embora os termos contemplados tenham um caráter autônomo, nós os submetemos ao contexto da educação não formal”. De alguma forma, essas palavras-chave transitam por vários campos da educação (PARK; FERNANDES, 2007, p. 12).

No caso da educação formal desenvolve-se em instituições estruturadas – escolas e universidades - regulamentadas por lei e certificadas segundo diretrizes nacionais. Apresentam conteúdos e metodologias sistematizadas, tendo por mediador de conhecimentos, o professor. Entre seus objetivos destacam-se o de formar o um cidadão ativo em habilidades e competências (GOHN, 2006).

A educação não formal caracteriza-se por ocorrer fora do âmbito escolar (CARRAPATO, 2012). Trata-se de instituições, governamentais ou não, com o propósito do ensinar um público heterogêneo, por exemplo, museus, feiras livres, encontros e etc. Não apresentam metodologias previamente demarcadas. O educador torna-se o “outro”. A aprendizagem desenvolve-se, conforme a interação e o compartilhamento de experiências do indivíduo, objetivando a formação de

cidadãos integradores no exercício da cidadania. E assim, como a educação formal, há a intencionalidade nos processos de ensinar e aprender, pois se verifica troca de saberes (GOHN, 2006).

Com o novo modelo escolar, as instituições de ensino não formais vem ganhando cada vez mais espaço para o processo de ensino e aprendizagem como também por inúmeros pesquisadores da área de educação. Entre diversas pesquisas, pode-se destacar o trabalho de Santos (2012), Em que traz a feira de ciências como um importante passo para incentivar não só pesquisa, principalmente no ensino básico, que em muitos casos, sequer possuem laboratórios de ciências ou materiais em condições de uso. Ao mesmo tempo em que a realização destas feiras cria um importante espaço de desenvolvimento da cultura científica fora da escola.

Outro trabalho importante foi o de Chinele e Aguiar (2016), que visou identificar, através da análise dos experimentos e dos contextos nas exposições interativas dos centros e museus de ciências. Os resultados demonstram que as exposições interativas ofereceram possibilidades de experimentação que contribuíram para o conhecimento científico, aproximando os visitantes à ciência positivista, considerada pelos autores aprendizagem significativa.

Para Junior et al. (2016), analisou o ensino e aprendizagem de uma visita orientada a grupos escolares realizada no Observatório Astronômico do Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC). Os resultados demonstram que os alunos entenderem e tiveram noção de espaço e distância no Sistema Solar, motivando os alunos a retornarem com seus familiares ao Observatório. Os autores enfatizam que, para obter sucesso de uma visita a um centro de ciências, a uma necessidade de planejamento da mesma em três momentos: aquele que antecede a chegada, a visita e retorno à sala de aula.

A educação informal é um processo de socialização que ocorre no cotidiano, tendo por mediadores, os interlocutores ocasionais – a família, o bairro, o clube, os amigos etc. – sendo carregada de valores e culturas próprias herdadas (CARRAPATO, 2012). Esta não apresenta caráter metódico e conhecimentos sistematizados, porém requer espaços educativos demarcados por referências e origens (nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc.). Objetiva a

socialização de indivíduos desenvolvendo “hábitos, costumes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem de acordo com os valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento” (GOHN, 2006, p. 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino e aprendizagem não pode ser entendido como um tanto simples de se alcançar, somente explorando um espaço formal. Independente se o espaço é formal, informal ou não formal são necessários um olhar direcionado para outros aspectos como o planejamento do professor, levando em consideração as expectativas da sala, ligada aos temas ministrados nos espaços formais de aprendizagem. Ao docente cabe incentivar seus alunos a uma postura exploratória, conduzindo os alunos fora do espaço escolar que são os espaços considerados não formais e informais.

Apesar das instituições de ensino seja o espaço formal, é notável que para consolidação do ensino e aprendizagem significativa do novo modelo de escolar a necessidades da utilização dos espaços não formais, ela transcorre em inúmeras áreas do conhecimento como cultura, artes, que só vem atender as necessidades do planejamento das instituições de ensino consideradas formais, mas também na formação continuada docente, sabendo que, são inúmeras as dificuldades e defasagem dos discentes no processo escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. Para saber a diferença entre a educação não formal e a educação informal. **Jornal da Unicamp**, p. 12, ago./2007.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Educação**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar./2006.

CARRAPATO, J. A. L. Educação formal, não formal e informal: três conceitos vizinhos. **Cidade Évora Educadora**. Évora, ano 1, v. 7, p. 1-4, set./2012.

CHINELLI, Maura Ventura; DE AGUIAR, Luiz Edmundo Vargas. Experimentos e contextos nas exposições interativas dos centros e museus de ciências. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 14, n. 3, p. 377-392, 2016.

JUNIOR, Pedro Donizete Colombo; AROCA, Silvia Calbo; SILVA, Cibelle Celestino. Educação em centros de ciências: visitas escolares ao observatório astronômico do CDCC/USP. **Investigações em ensino de ciências**, v. 14, n. 1, p. 25-36, 2016.

MARANDINO, Martha. Educação em museus: a mediação em foco. 2008.

NASCIMENTO, Tatiana Galieta; REZENDE, Mikael Junior Frank. A produção sobre divulgação científica na área de educação em ciências: referenciais teóricos e principais temáticas. **Investigações em ensino de ciências**, v. 15, n. 1, p. 97-120, 2016.

SANTOS, A. B. Feiras de Ciência: Um incentivo para desenvolvimento da cultura científica. *Rev. Ciênc. Ext.* v.8, n.2, p.155-166, 2012.

Autores

Danielly Ferreira Dias, UFU, FACIP, Unidade Ituiutaba, R. Vinte nº 1600 - Tupã, Ituiutaba - MG, 38304-402. daniellyferreira001@hotmail.com

Patrícia de Oliveira Prata, UNIUBE, Campus Centro, Av. Guilherme Ferreira, 217 Centro - Uberaba/MG, CEP. 38.010-200 patriciaprata@uberabadigital.com.br

Rejo Levi Monteiro, UFU, FACIP, Unidade Ituiutaba, R. Vinte nº 1600 - Tupã, Ituiutaba - MG, 38304-402. rejim77@hotmail.com

Ana Paula Santos da Silva, UEMG, Unidade Ituiutaba, R. Ver. Geraldo Moisés da Silva, s/n - Universitário, Ituiutaba - MG, 38302-192. anapaulasantosdasilvabio@gmail.com